

Explorando o mundo real

Werner Baer[§]

Minha família fugiu da Alemanha Nazista e a maioria da família de minha mãe pereceu no Holocausto. Desde minha infância, sempre me interessei por conhecer mais sobre as causas das revoluções políticas e sociais. Isto deve explicar o meu interesse precoce pelas questões internacionais e por que, desde o meu tempo de High School, sempre fui um ávido leitor de periódicos e revistas que tratavam de temas mundiais e de lutas econômicas e políticas em países menos desenvolvidos. Como cresci falando três idiomas, e dado meu interesse por questões mundiais, decidi tentar uma carreira no serviço diplomático. Assim, quando entrei na universidade (*Queens College*), parecia lógico especializar-me em ciência política, com ênfase em estudos internacionais.

Os cursos de ciências políticas que fiz na graduação foram tediosos e não eram bem delimitados. Como especialista em ciência política, era necessário fazer o curso de Princípios de Economia. Impressionou-me o maior rigor desta disciplina em tratar temas contemporâneos e, assim, mudei minha especialização. Raciocinei que, como a maioria das relações internacionais era de natureza econômica, concentrando-me em economia estaria melhor preparado para o serviço diplomático. Àquela época, concluindo a graduação, mudei meu pensamento sobre uma carreira no serviço diplomático. Em vez de integrar-me a uma vasta burocracia, decidi tornar-me um especialista em relações econômicas internacionais, com uma possível carreira futura como consultor. E, para tornar-me um especialista, era necessário uma maior titulação acadêmica. Assim, candidatei-me ao programa de PhD em Economia e fui aceito na Universidade de Harvard.

Minha dissertação de doutorado focalizou a recuperação do comércio internacional da Alemanha, depois da II Guerra Mundial. Enquanto trabalhava na dissertação, fiquei bastante entediado com o tópico e cada vez mais interessado pelos problemas do Terceiro Mundo.

§ Universidade de Illinois.

O Professor Gottfried Haberler, que ministrava o curso de Economia Internacional, freqüentemente atacava as teorias do Prebisch/CEPAL tão veementemente que decidi ler acerca das controvérsias que as rodeavam. Quanto mais Haberler atacava, mais eu lia e simpatizava com Prebisch, o que me levou a escrever um dos meus primeiros artigos sobre o tópico.

Quando relatei meu tédio com a tese aos Professores J. K. Galbraith e Arthur Smithies (fui seus assistentes em seus cursos), eles insistiram para que terminasse meu estudo sobre a Alemanha, e Galbraith prometeu envolver-me posteriormente em um projeto de desenvolvimento. Ele manteve sua promessa e engajou-me em um estudo sobre a industrialização de Porto Rico. Aprendi espanhol e fiz algumas pesquisas de campo em Porto Rico. Este trabalho resultou em um artigo de jornal e em uma monografia. Como apreciei muito a sociedade latina, resolvi tornar-me um especialista em problemas de desenvolvimento da América Latina. Assim, quando me ofereceram um cargo no Centro de Crescimento Econômico, recentemente fundado, da Universidade de Yale, aceitei rapidamente. No Centro, foi-me dada a opção de escolher qualquer país para fazer outro estudo. Depois de procurar no mapa, observei a importância do Brasil como uma das maiores experiências de industrialização por meio do processo de substituição de importações e os numerosos e importantes problemas que o País enfrentava - inflação, distribuição de renda, desequilíbrios regionais etc. Então, não hesitei em escolher o Brasil para meu próximo estudo, até porque, o domínio de outro idioma, o português, não era obstáculo. O Centro de Crescimento Econômico de Yale concordou e financiou meu primeiro ano no Brasil, onde encontrei um ambiente familiar de pesquisa na Fundação Getúlio Vargas.¹

Além de ser atraído pela sociedade brasileira por causa da cordialidade, da energia e do prazer de viver de seu povo, fascinou-me também o vasto panorama que ela oferecia: de uma sociedade e uma economia em transição. Os desafios da extraordinária migração rural-urbana, o impacto (positivo e negativo) da industrialização pelo processo de substituição de importações, as desigualdades que acompanham os períodos de crescimento acelerado, os argumentos a favor e contra investimentos estrangeiros, o papel do Estado, os debates sobre as causas e impacto da inflação etc., fizeram do estudo da economia brasileira uma aventura e um desafio intelectuais excitantes.

¹ Em outra publicação descrevi minhas atividades na Fundação Getúlio Vargas e outras instituições, e minhas primeiras interações com economistas brasileiros. Ver: Werner Baer, "ANPEC aos 25 anos: Comentário," *Revista ANPEC*, n. 2, p. 159-163, 1997.

Dada a minha formação, embora tenha sido atraído para nossa disciplina por causa de sua rigorosa abordagem em examinar problemas do mundo real, nunca fui atraído pelo fervor de seus teóricos na construção de modelos. Muito daquela teoria estava, e ainda está, interessada com a alocação eficiente de recursos em uma economia de mercado, mais freqüentemente, em um contexto estático. Estudando o Brasil, e várias outras economias da América Latina, observei que a eficiência de curto prazo não era o único aspecto do desenvolvimento. Desenvolvimento, em seu sentido mais profundo, não estava relacionado apenas à eficiência na alocação de recursos, mas principalmente ao processo de transformação total, ou seja, o desenvolvimento (ou transformação) de recursos, dos próprios fatores de produção - i.e., a qualidade do trabalho, da organização do negócio, do Estado etc.

Quanto mais tratava dos desafios do desenvolvimento do Brasil e de outros países da região, mais me tornava impaciente com o paradigma dedutivista que dominava nossa profissão e mais me convencia da necessidade de uma boa dose de indutivismo para entender a realidade. Embora a lógica de formular uma hipótese (usualmente baseada no paradigma predominante) e, então, testá-la parecesse uma proposição atraente para os pesquisadores, sentia cada vez mais que ir a campo com uma hipótese formulada para ser testada limitava freqüentemente a visão sobre o mundo real. Convenci-me de que deveria iniciar pela definição do problema a ser estudado, colecionar tantas informações estatísticas e institucionais quanto possível sobre ele e, somente então, verificar se a teoria econômica existente poderia ajudar na construção de uma estrutura analítica para explicar essas observações. No caso de as teorias correntes não se revelarem suficientes para explicar fenômenos do mundo real, então deveriam ser feitos esforços para encontrar uma estrutura analítica alternativa.

Havia somente poucos economistas trabalhando com esse espírito. Enquanto estudante de graduação, eu admirava Alexander Gerschenkron, Arthur Smithies e J. K. Galbraith pela maneira original com que eles tratavam temas econômicos e pela sua disposição para trabalhar fora dos paradigmas correntes. No mesmo estilo, meu trabalho foi influenciado por Albert Hirschman, Celso Furtado e Raul Prebisch por atrever-se a tentar entender o processo de desenvolvimento fora da ortodoxia econômica predominante.

Minha abordagem para pesquisa é, em primeiro lugar, definir o problema que quero entender e, então, obter tantos dados empíricos - estatísticos e institucionais - sobre o tópico quanto possível. Somente depois que começo a ter uma visão da situação do mundo real consulto a literatura existente para ver se ela pode ajudar-me a entender o problema. Compreendo claramente que esta não é uma tarefa fácil para um jovem pesquisador que quer se estabelecer na academia. É sempre muito mais prudente trabalhar dentro de um

paradigma até que se esteja estabelecido. O risco é que uma vez estabelecido, baseado no trabalho dentro da corrente principal de uma disciplina, tem-se um capital adquirido nesse trabalho passado. Exige coragem e força de caráter para se despojar dele.

Minha pesquisa sobre o Brasil tratou de vários problemas, tais como: uma avaliação do processo de industrialização pela substituição de importação; as raízes da inflação; o desenvolvimento da indústria de aço como um estudo de caso do processo de desenvolvimento; o papel do Estado no crescimento do Brasil; o impacto da privatização etc. Minha abordagem para cada um deles foi seguir os passos mencionados acima: primeiro, familiarizar-me com os fatos - a instituição relevante, encontros com especialistas na área (no caso da indústria de aço, por exemplo, conversa com engenheiros metalúrgicos, executivos das firmas de aço, especialistas das firmas de consultoria especializadas etc.); segundo, estudar a literatura analítica existente; e, terceiro, decidir sobre a estratégia analítica, ou testando hipóteses baseadas em modelos existentes ou desenvolvendo uma nova estrutura analítica para entender os problemas à mão.

Sinto que esta abordagem é mais promissora para entender o mundo real. Deixe-me dar uns poucos exemplos. 1. Sempre suspeitei do uso de funções-padrão de investimento em um país como o Brasil. Embora a teoria padrão deva projetar luz sobre quanto as taxas de juros afetarão o nível de investimento, usualmente ela nos dá uma pequena parte da explicação. A razão é simples: grande parte dos investimentos, tanto no setor público quanto no privado, dependia de financiamento do banco de desenvolvimento do País (BNDES), em vez das considerações que entram nas funções clássicas de investimento. 2. Ou considere-se a análise da inflação. O fato é que, em muitos casos, a inflação é um fenômeno monetário e não é realmente muito útil no entendimento de uma economia inflacionária. O que é interessante estudar são as pressões institucionais que forçaram o Estado a financiar déficits orçamentários por meio do Banco Central. Nos anos 90 é comumente aceito que a privatização, i.e., a retirada do Estado da participação na economia pode levar a uma maior eficiência econômica e a um declínio do efeito “*crowding out*”, o que não significa que a presença do Estado seja sempre uma força negativa. Um exame das condições institucionais em diferentes épocas revela que a presença do Estado deve ter sido útil no processo de desenvolvimento e que atuou como um fenômeno “*crowding in*” para o setor privado.

Uma característica cativante dos brasileiros é que eles são naturalmente céticos, têm um senso de humor e do absurdo, não toleram pessoas e idéias pomposas e pretensiosas. Em tal ambiente, paradigmas obsoletos não têm vida longa. Talvez seja por isso que sinto-me tão intelectualmente em casa no Brasil e quando estou com brasileiros.